

# UM ESTUDO SOBRE O SINTHOMA BORROMEANO (A Study on the Borromean Symptom)

Maria Cristina de Távora Sparano<sup>1</sup>

**Resumo:** O último ensino de Lacan (1975/76) é o ensino dos nós. O suporte teórico é a topologia situando as dimensões do Real, do Simbólico e do Imaginário sendo que, a esses três elementos, Lacan acrescenta um quarto, o Sinthoma. O ensino de Lacan a partir do Sinthoma conduz o percurso analítico a abordar o real pelo escrito, daquilo que “não cessa de não se escrever” – a contingência inicial do gozo que traça nosso destino. Lacan indica através do real esse saber do “não sentido” que acomete o \$ com a possibilidade de situá-lo além de um discurso que seja apenas de um semblante.

**Palavras-chave:** Lacan, Nós Borromeanos, Sinthoma.

**Abstract:** Lacan's last teaching point (1971976) is the teaching of the rings. The theoretical support is the topology by means of a placement of the dimensions of the Real, the Symbolic and the Imaginary. In addition to these three elements, Lacan offers a fourth, the *Sinthoma*. By departing from the *Sinthoma*, Lacan leads the analytical way in order to encompass the real by the written, of which that “does not cease not to be written” - the initial contingency of the fruition that weaves our destiny. The use of the real allows Lacan to indicate the knowledge of the “not felt” which gives the \$ the possibility of his/her placing beyond a speech which would be a mere physiognomy.

**Key-words:** Lacan, Borromean Rings, Symptom

*“Le collectif n’est rien – Le collectif n’est rien  
que le sujet de l’individuel” – J. Lacan.*

## O Ensino de Lacan

O primeiro ensino de Lacan é marcado por “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”, depois é aquele situado a partir de “Mais ainda...”, onde ele enunciava que sua escrita, a do objeto “a”, era em definitivo, insuficiente para capturar aquilo de que se trata no real. O derradeiro ensino de Lacan conduz ao uso do nó borromeano e de como o sinthoma inclui o real. À diferença do sintoma, este jamais é suspenso porque inclui o real. Ao se desarticular sintoma e sinthoma há uma abertura ao real.

Este trabalho tem como objetivo responder a uma questão: por que a questão da escrita, dos grafos, e principalmente dos nós é tão importante no ensino de Lacan?

A resposta nos é dada pela topologia como elemento fundamental da transmissão da psicanálise ao situar o real no processo analítico.

As relações entre Real, Simbólico e Imaginário são importantes para o psicanalista não apenas no exercício da sua prática, mas no modo mesmo de se relacionar à psicanálise, pois o real determina o modo como cada um goza do seu inconsciente em toda sua

singularidade no encontro com a contingência inicial, o gozo. A análise procede de uma redução do necessário ao simbólico, uma redução a partir do saber – “do que não cessa de se escrever“. Mas é também uma redução ao não-saber, o impossível “do que não cessa de não se escrever“. No seminário *O Sinthoma* Lacan fala dessa contingência que vai tomando sentido no curso de uma análise cedendo lugar ao desejo. Com o sinthoma, o enigma do sujeito não é mais o do encontro com um gozo irreduzível, mas o de obter um “sou isso”, na diferença mais absoluta para o sujeito. Lacan mostra no seminário do Sinthoma, através do texto de Joyce, como o escrito desse texto, sem sentido aparente, passa a ter o sentido de sua própria singularidade, “tão ligada a isso“. Lacan mostra os cortes, a desconexão entre  $R // S // I$ , assim como as possibilidades de ligação  $R \diamond S \diamond I$  e, finalmente, como o sinthoma, – o quarto nó - liga-se aos três outros no nó triplo *existindo* pelo sinthoma.

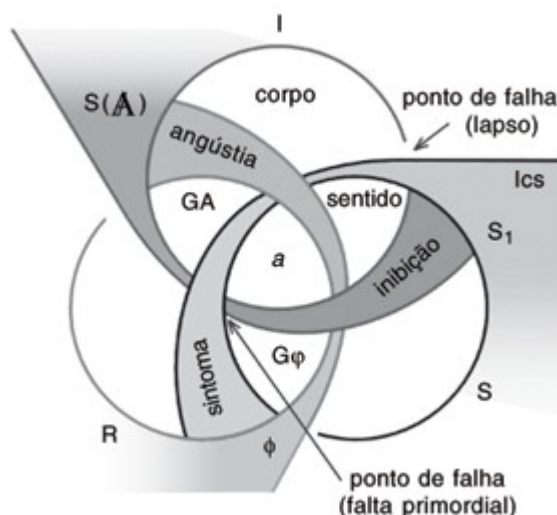
Finalmente, numa perspectiva acadêmica procuramos apresentar o corte epistemológico da psicanálise dado pelo real, mostrando que para haver uma “episteme”, uma ciência é preciso separar a dimensão simbólica da função imaginária ( $S \diamond I$ ), mas que, paradoxalmente, é necessário ligar o simbólico ao imaginário para produzir um saber significante e finalmente, conectá-lo/desconectá-lo ao real. É certo que imaginário camufla o funcionamento dos significantes e é por isso, como diz Miller (2009) que a cadeia borromeana é tão difícil de desenhar, pois não se apóia no imaginário, introduzindo lapsos e confusões na arquitetura dos nós. É justamente através dessas falhas, desconexões e possibilidades lógicas de ligação que a psicanálise pode ser inscrita num quadro epistemológico através da topologia.

### **Topologia do Nó Borromeano**

Lacan recorre à formalização topológica por reconhecer a insuficiência do mathema em transmitir de uma forma satisfatória a experiência clínica, sendo assim, emprega a escrita topológica da nodalidade na tentativa de demonstrar a conseqüência lógica do enlaçamento dos registros do real, do simbólico e do imaginário. Em outras palavras, Lacan recorre à topologia do nó borromeano, buscando situar, através da figuração do real, o ponto central próprio à sua estrutura, ponto nodal mínimo, ponto do objeto *a*, núcleo real de gozo, situado no cerne do *sinthoma*.

O uso da arte de nós remete a antiguidade, principalmente no Egito Antigo como forma de contagem. No séc. XX, os nós passam a ser objetos de interesse dos matemáticos, com variadas formas e cadeias, o número de elos muda segundo a qualidade da nodulação e da desnodulação. A partir da teoria matemática dos nós, Lacan inventa uma escritura que lhe permite não só situar o real, mas apresentá-lo materialmente, em termos lógicos.

Um nó é formado por um único fio que apresenta um trajeto suficientemente particular para não ser reduzido a um simples anel. Quando há vários fios os chamamos de cadeia. Uma cadeia borromeana é uma cadeia tal que, se cortamos qualquer um dos seus anéis, todos se desligam.



Exemplo de nó borromeano

Há na cadeia a possibilidade de multiplicar ao infinito o número de seus elos distintos, nela existe sempre a aparição de subgrupos seja um ou três, ou dois e dois. Matematicamente, os conjuntos apresentam intersecção e reunião, e todas as formas são verificáveis ao se promover um desligamento, isto é, ao se cortar um elo os outros se desfazem. Sendo assim, o gráfico (figura acima) é uma escrita topológica, ou seja, da mesma maneira que uma escrita, a figura *faz consistir, faz existir aquilo de que se trata na prática analítica* (GRANON-LAFONT, 1990, p. 134).

Lacan escreve sobre sua descoberta:

Eu somente encontrei uma forma de dar medida comum a esses três termos, Real, Simbólico e Imaginário, que é nodulá-los com o nó borromeano (...) eu fui pego pelo nó borromeano (...) Os três elos me vieram como um anel para o dedo (Apud GRANON-LAFOND, 1990, p. 135)

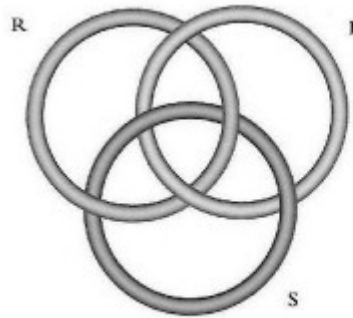
### Os Três Nós

Lacan viu pela primeira vez a imagem do nó borromeano durante um jantar, nas armas de uma dinastia milanesa: a família Borromeu. Três círculos em forma de trevo simbolizando uma tríplice aliança, tendo como sua especificidade o fato de que, se cada um dos anéis for retirado, os outros ficam livres, sem que se forme um par. Cada um dos três círculos do nó borromeano representa umas das instâncias que compõem o aparelho psíquico:

- 1) o simbólico, a combinatória sem substância que organiza os significantes;
- 2) imaginário, a dimensão do que se vê ou que se pensa ver dos objetos;
- 3) o real, aquilo que, por escapar à possibilidade de recobrimento total pelos significantes, permanece na zona do inominável.

No seminário XXIII, Lacan diz: “o que pela primeira vez defini como sintoma é o que permite ao simbólico, ao imaginário e ao real ficarem juntos, mesmo que nenhum fique mais com o outro” (LACAN 2005, p. 73), o que se constata é que há dois pontos de falha estrutural que se produzem no enlaçamento do imaginário e do simbólico. Em um desses pontos de falha, o saber inconsciente para obter o sentido opera com o equívoco, o “não-sentido”, fazendo uma sutura, uma costura entre o imaginário e o simbólico. Conforme Lacan, “quando fazemos esta costura, ao mesmo tempo fazemos outra, entre o que é o sintoma e o real” (*Idem*, p. 73), que é a sutura que se faz no outro

ponto de falha da junção do imaginário e do simbólico. Nesse ponto, é o sinthoma que faz o enlace entre o imaginário, o simbólico e o real, mantendo-os juntos.



Nó borromeu: (R) Real, (S) Simbólico e (I) Imaginário.



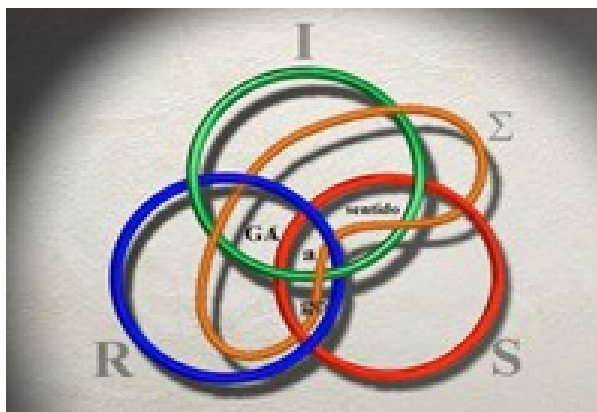
Nó borromeano costurado

### O Quarto Nó

Lacan prossegue:

(...) parece que o mínimo que se pode esperar da cadeia borromeana é esta relação de um com três outros (...) é sempre em três suportes que chamaremos, no momento de subjetivos, quer dizer, pessoais, que um quarto se apoiará (...) o quarto será o que anuncio este ano como sinthoma. (Ibidem, p. 52)

Embora o nó implique os três outros como indispensáveis, para provar que o nó é borromeano, ao se retirar um deles, há necessidade de um quarto termo, sem o qual nada é posto em evidência, isto é, que o grupo se desata.



O quarto nó: sinthoma ( $\Sigma$ )

(...) O quarto nó é o que, neste anel duplo, suporta o simbólico daquilo por que ele é efetivamente feito, a saber, o Nome do Pai”. (*Ib., ib.*)

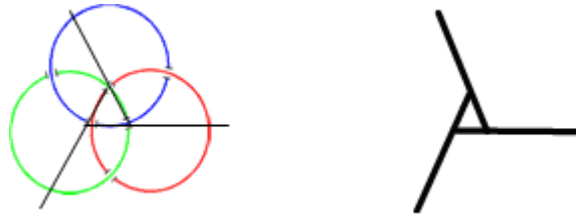
A necessidade do quarto elo se impõe, uma vez que, no nó com três anéis, mudando-se à vontade a ordem dos mesmos, não se sabe qual é o real, ou seja, aquele que faz o nó. Com quatro elos, uma distinção se impõe, definindo três tipos de enlaçamento. O quarto elo é aquele cuja consistência Lacan atribui, de início, ao Nome do Pai em sua função radical de dar um nome às coisas e, em seguida, aos Nomes do Pai, no plural, como já havia anunciado antes. Os Nomes do Pai, sob três formas, nomeiam o Imaginário, o Simbólico e o Real, que por sua vez suportam o nó, ou seja, o nó se suporta de três indicações diferentes de sentido, figuradas nas nomações do Imaginário, do Simbólico e do Real. É na distinção dessas três nomações que Lacan encerra o seminário XXIII:

Constatai que se estes três nós se conservaram livres entre si como um nó triplo, relacionando-se em sua textura, mas ex-sistindo por um quarto. A ele chamamos sinthoma” (LACAN, 1975).

### O Apoio

No ponto central do nó, onde se aloja o objeto *a*, Lacan situa a identificação ao Outro (A) em suas três dimensões: imaginária, simbólica e real. No intuito de ilustrar a consistência desse ponto central, que conjuga os três registros em seu enodamento, dando-lhes uma medida comum, recorre à figura do triskel, correlato daquilo que Freud nomeou como “traço único” e que foi renomeado como “traço unário”, suporte da identificação minimalista, especificada aqui como sendo o que dá consistência ao furo central.

Segundo Lacan, no seminário XXIII não se pode falar sobre aquilo que compõe o nó sem pensar no Nome do Pai, como a ligação entre os três outros anéis assim como no triskel. O Nome do Pai é o que faz nó no triskel. O triskel ex-siste, podendo haver identificação ao que em todo nó borromeano é o centro do nó – lugar do “*a*”.



O nó borromeano e o triskel

Três fuzis ensarilhados, que se suportam uns aos outros; foi o que, talvez saibam, e é daí que o nome foi tirado, os bretões tomaram como arma, as armas da Bretanha moderna. (Ib., p. 95)

### O Né em Trevo

“Um nó é formado por um único fio que apresenta um trajeto suficientemente particular para não ser reduzido a um simples anel.” (GRANON-LAFONT, J. 1990, p. 126).

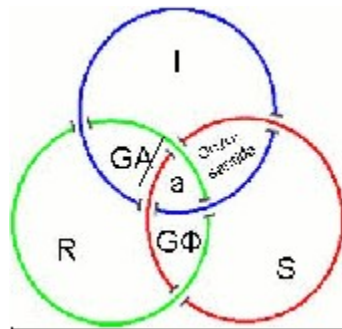
No nó em trevo visualizamos os três campos centrais do esquema borromeano, cada elemento do trevo (cada folha) é um desses campos que apresenta o gozo em relação a algo.

Na dimensão R – I temos o gozo do outro barrado. Outro barrado quer dizer que não há gozo de um MetaOutro.

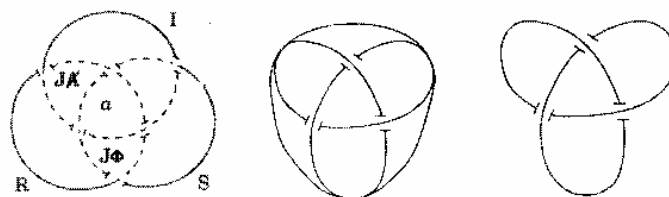
Na dimensão R – S temos o gozo fálico “ é o lugar daquilo que é designado em consciência pelo *parlêtre* (*être de parole* = ser de palavra) como poder do inconsciente, ao juntar a palavra ao gozo”. (LACAN, 1975-1976, p. 56).

Na dimensão S – I temos o sentido, algo do imaginário e do saber inconsciente que é *jouis-sens*, gozo do sentido, correlato a *jouissance*. i. é, quando o sujeito fala e o gozo do corpo passa pela sua palavra, com sentido. Os três elementos participam nas três dimensões:

Do imaginário, como consistência  
Do simbólico, como falha;  
Do real como, como ex-sistência.



Quando se olha a cadeia borromeana mais de perto, pode-se visualizar em sua posição central um traçado que se nomeia de “nó em trevo” (“*noeud en trefle*”).



Nós em trevo

Lacan afirma que a psicanálise não é um *sinthoma*, mas uma prática “*cuja eficácia apesar de tangível*” implica num nó triplo, a partir deste, Lacan suspende um terceiro termo distinguindo-o da realidade e, por fim, chamando-o de real.

Tomando-se como paradigma as combinações expostas no chamado nó em trevo, podemos estabelecer as seguintes relações.

	R – S - I	
	S - I – R	
	I – R - S	
Sinthome		
Joyce:	Ciência:	Gozo e Desejo
R - I	S - R	I – S

A combinação das funções R S I, veiculadas por Joyce pela ciência e pelo gozo-desejo, faz *sinthoma*. O quarto nó que dará apoio aos outros três. Lacan afirma que não foi à toa que ele escreveu a disposição desses elementos numa certa ordem. Dependendo da ordem, em que esses três elementos aparecem, a um termo que tem relação privilegiada ao que é próprio do *sinthoma* – o inconsciente.

### **Do escrito em Psicanálise**

A psicanálise, desde Freud, parte da suposição de que o inconsciente é um saber falado, isto é, o inconsciente é efeito da linguagem. A linguagem é habitada por aquele que fala e é ao convidar o ser falante (*parlêtre*) a falar, que a prática analítica abre espaço para o sujeito através de um dizer que tem sempre um caráter contingente. Mas... o real só se franqueia pelo escrito.

A matemática, a topologia, os grafos, trazem essa evidência, ao se articular numa escrita que está para além da linguagem corrente. O dizer baseia-se na palavra, que comporta uma dimensão imaginária, com função de significação; mas o escrito, a letra, dispensa essa dimensão, não exigindo necessariamente compreensão.

A escrita, tal como Lacan a entende, depende do chamado nó borromeano e a escrita do real, situa-se num regime distinto daquele do dizer. Não se trata de dizer para compreender mas de um escrito do qual possamos nos servir, o saber proposto por Lacan é da ordem do uso, de uma dimensão pragmática.

No seminário XXIII, Lacan afirma que a escrita o interessa porque, “historicamente, foi por pequenos pedaços de escrita que se penetrou no real, a saber, que se cessou de imaginar. A escrita de letrinhas, letrinhas matemáticas, é isso que sustenta o real”.

### **O Real e o Texto**

No seminário *O Sinthoma*, Lacan dedica duas de suas partes a Joyce e ao real, mais precisamente, à linguagem de Joyce.

Joyce escreve em inglês mas não à maneira da língua inglesa, ele acrescenta alguma coisa chamada por Lacan de *élangue* porque a ilação que Joyce faz à língua, pode ser comparada e considerada como “*mania*”.<sup>2</sup>

A mania, na interpretação lacaniana, aparece na última obra de Joyce, *Finnegans Wake*,<sup>3</sup> e o que Joyce faz é produzir um traumatismo na língua inglesa, o que resulta num discurso não-comunicável. Segundo Miller (2009), Lacan não diz que a idéia do real é comunicável, ele dúvida que a linguagem possa comunicar o que provém do real que situa-se mais além da perspectiva filosófica da linguagem, seja como comunicação, interpretação ou tradução, diz ainda que aquilo que não pode ser dito, provoca justamente o forçamento de uma nova escrita – do real. Essa escrita tem uma sustentação simbólica mas é ao mesmo tempo separada da função imaginária, própria ao texto literário. Lacan a respeito de Joyce diz: “Joyce fez tanto e tão bem com sua manipulação da língua que despertou a literatura de seu sonho de verdade mentirosa e por causa disso, quis por um fim nisso” (MILLER, 2009).

S // I<sup>4</sup>

Resulta dessa idéia que, se o imaginário é aquilo que dá corpo ao texto (sons, letras e imagens), experimentamos uma estranheza em relação ao texto similar à estranheza sentida em relação ao corpo físico. Joyce mostra a estranheza do “corpo” na sua própria essência de forma “radical” i. é na raiz da língua. Isso pode ser exemplificado através da psicose, quando um sujeito psicótico descreve a experiência do seu próprio corpo como um ponto situado do lado de fora.

Para Lacan é necessário que se introduza nessa lógica joyciana um terceiro elemento – o real, situando então as três dimensões na seguinte ordem:

S // I → R ◊ S ◊ I

### RSI

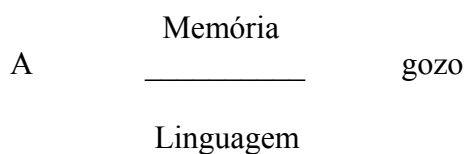
No início do seu ensino Lacan rejeita a concepção de inconsciente a partir do imaginário como um conceito operatório (imagem, representação) adotando a seguir a posição de que o inconsciente é simbólico. Mas os últimos testemunhos de Lacan afirmam que o inconsciente é real.<sup>5</sup>

Sabemos antes de Freud, com Aristóteles, “que a verdade é o que é conforme a realidade”: para um discurso ser verdadeiro e ter sentido deve corresponder à realidade, o modelo de explicação é simbólico. A ciência opera a partir do simbólico produzindo suas hipóteses e verificando-as. O saber científico também é formal, lógico-matemático. Mas, à diferença dessa formalização simbólica, o real aí não se inclui porque o funcionamento do real não funciona, é até mesmo oposto ao que funciona, é o que “rateia”, isto é, falha.

Então, temos de um lado os elementos da realidade produzindo ciência e por outro lado, à parte, o que fica fora - o real, que para ser escrito e formalizado, não basta ser colocado como uma palavra e inscrito na realidade, precisa ser enlaçado às outras duas dimensões - imaginária e simbólica, que produzem sentido através das cadeias de pensamentos sustentadas pela memória e apresentadas pela linguagem.

Lacan evoca o exercício da rememoração destinado a preencher os relatos de uma biografia falada, como no modelo freudiano, para ligar o grande Outro (A) ao gozo. O inconsciente se reduz a um saber a ser interpretado com o poder de acrescentar um gozo parasitário contingente e irreduzível a esse saber. O paciente tece na análise a trama do sentido onde organiza os elementos de sua história particular, isto é, o modo de cada um lidar com seu gozo, sua particularidade. O real, desprovido de sentido poderá então, ser esclarecido ao ser tomado como um sinthoma.





### A Invenção do Real

Lacan diz no seminário o *Sinthoma*:

(...) eu veiculei muitas coisas chamadas freudianas... mas o que eu chamo real ou o real, eu inventei, porque isso se impõe a mim. Pode ser que haja alguém aqui que se lembre como em que momento surgiu esse famoso nó que é tudo aquilo que há de mais figurativo. É o máximo que se pode figurar em relação ao imaginário e ao simbólico, coisas que são tão estranhas uma a outra sendo o real o elemento que as une”(Op. Cit., p. 132).

Lacan adota a grafia *sinthome*, "forma antiga de escrever o que foi posteriormente escrito *symptôme*",(Op. cit., p. 11) e fundamenta a distinção que faz recorrendo à etimologia da palavra *symptôme*, onde *ptôma*, do grego, significa queda. O sintoma, que se espera que caia durante a análise, não é o mesmo que *sinthome*, da antiga grafia francesa, para designar aquilo que não cai, que se fixa em torno da falta primeira e da necessidade de que esta não cesse, para que continuem sendo possíveis gozo e desejo.

Na conferência "*Joyce le symptôme*", proferida em 1975, por ocasião da abertura do 5º Simpósio Internacional James Joyce e anexada ao seminário XXIII, Lacan afirma: "enquanto que o inconsciente se liga ao *sinthome* - o que há de singular em cada indivíduo - podemos dizer que Joyce... se identifica ao individual" (Op. cit., p. 168). É próprio do real ser desprovido de sentido, para discerni-lo é necessário ir além do discurso, foi o que Joyce fez através da sua escrita.

### Conclusão

Para concluir, podemos nos perguntar se o inconsciente se traduz num saber verdadeiro, o que lhe permite ser interpretado e, constatamos então, que o que a interpretação produz são efeitos de verdade, que nada tem a ver com o real. Porém, a interpretação não se limita a isso, ela faz vibrar um gozo interior que se situa na contingência de toda experiência individual. No seminário O *Sinthoma*, Lacan mostra através das ligações e cortes no seu nó, que o inconsciente constrói uma resposta sem conhecer o sentido, que é contingente. O último ensino de Lacan, o do *Sinthoma*, vai além da estrutura significante, que tenta des-articular a contingência, isto é, o *sinthoma*, aquele que liga os elementos irreduzíveis do gozo provenientes das dimensões simbólica, imaginária e real. É para "incarnar" esse obstáculo que ele diz ter inventado o nó.

Lacan durante seu seminário, ao ser questionado sobre a possibilidade de ao nomear a psicanálise como *sinthoma*, não estaria decifrando-a e tendo como consequência, dissipar assim a sua significação. Ao que Lacan afirma categoricamente: que a psicanálise não é um *sinthoma*, mas antes, uma prática "cuja eficácia apesar de tangível" resultará num nó triplo. "É nisso que suspendo esse terceiro termo (*sinthoma*) que eu distingo da realidade e que chamei real"(...) são as contingências que traçam nosso destino...são os acasos que nos levam à direita e à esquerda e dão(...) ,mas somos nós que o tecemos como tal.(Op. cit., p. 162).

## Notas

1. Professora Adjunta da Universidade Federal do Piauí. E-mail: [cris-sparano@ufpi.edu.br](mailto:cris-sparano@ufpi.edu.br)
2. cf. Roland Chemana. MANIA - O sintoma da crise maníaca é a fuga das idéias. A expressão verbal ou escrita é acelerada, até mesmo brilhante mas parece ter perdido toda resistência e toda orientação, como se o pensamento fosse organizado por puras assonâncias ou conexões literais. O maníaco tem uma extrema capacidade de se distrair de toda solicitação, como se seu funcionamento mental perdesse todo caráter privado a fisiologia fica modificada: a ausência de fadiga apesar da perda de sono, agitação, etc. as ações são inadequadas, empresas audaciosas testemunhando a perda do sentimento do impossível.
3. Finnegans Wake, ou, na tradução brasileira (como proposta pelos irmãos Campos e referendada por [Donald Schüler](#)), *Finnicius Revém*, é o último romance de [James Joyce](#), publicado em 1939, e um dos grandes marcos da literatura experimental por ser escrito em uma linguagem composta pela fusão de outras palavras, em inglês e outras línguas, buscando uma multiplicidade de significados. Sua tradução para qualquer língua é complicadíssima, e qualquer tentativa é um ato de ousadia desde a primeira palavra do romance.
4. Cf. Miller, uma dupla barra indica o corte a desconexão entre simbólico e imaginário.
5. Cf. Cap. 9 – Seminário *Le Sinthome*

## Referências Bibliográficas

- ASSOUN, P.- L (2003). *Lacan: Que Sais-Je?* Paris, PUF.
- CHEMANA, R. (1993) *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris, Larousse.
- DIAS, M. das G. L. V. “Le sinthome”. *Ágora*. Rio de Janeiro. vol.9. no.1 Jan./June 2006. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.php?pid=1516-149820060001](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=1516-149820060001).
- GRANON-LAFONT, J. (1990) *A Topologia de Jacques Lacan*. Tradução Luiz Carlos Miranda e Evany Cardoso. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. (1975) *Encore. Séminaire Livre XX (1972-1976)*. Paris: SEUIL.
- \_\_\_\_\_. (1998). “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”. In: *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- \_\_\_\_\_. (2005) *Le Sinthome. Séminaire Livre XXIII (1975-1976)*. Paris: SEUIL.
- \_\_\_\_\_. (1974-1975) *RSI. Séminaire Livre XXII. (1974-1975)*. Paris: SEUIL, s.d.
- MILLER J.-A. (2009) *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan – o Sinthoma*. Rio de Janeiro, Zahar.